

PATRICK MODIANO E A MEMÓRIA DE UMA PARIS OCUPADA

Ilana Goldfeld Carvalho (PUC-Rio)¹

Resumo: O presente trabalho pretende estudar a questão da memória da França ocupada pelos nazistas nas obras do escritor francês Patrick Modiano e como estas contribuem para revelar os traumas e as ambiguidades presentes no país durante aquele período. Este texto visa analisar de que maneira a memória é empregada como recurso narrativo pelo escritor que, em muitos livros, demonstra uma preocupação com o passado (individual e coletivo). Para tanto, são analisadas algumas de suas obras, bem como o discurso por ele proferido ao aceitar o prêmio Nobel de Literatura de 2014.

Palavras-chave: Patrick Modiano; Paris; memória; Ocupação nazista na França

Este texto aborda algumas das questões que venho desenvolvendo na minha pesquisa de dissertação de mestrado em Literatura, Cultura e Contemporaneidade, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), sob a orientação do Professor Doutor Renato Cordeiro Gomes. Minha pesquisa investiga as diferentes representações de Paris nas obras de Patrick Modiano, privilegiando o modelo adotado em seu livro mais recente, *Para você não se perder no bairro* (lançado no Brasil em 2015), que caracterizo como um modelo de leitura da cidade baseado na espacialidade. Analiso também as relações da memória com esta matriz e com o tempo.

No presente trabalho, contudo, priorizo outros livros do autor como objetos de estudo da relação entre memória e História. Retomo alguns pontos expostos no trabalho “Patrick Modiano, um filho da Ocupação nazista em Paris”, apresentado no 5º Seminário de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da PUC-Rio (evento conhecido também como Letras Expandidas), no qual abordei o discurso proferido pelo escritor ao aceitar o prêmio Nobel de Literatura de 2014.

Para finalizar esta nota introdutória, gostaria apenas de ressaltar que a definição de memória para Patrick Modiano, nascido em 1945, pode ser compreendida como fluida. Em dados momentos, ela parece ser a rememoração de experiências vividas (como em alguns trechos de *Para você não se perder no bairro*, *Dora Bruder* e *Un pedigree*). Em outros, ela aproxima-se do conceito de pós-memória, pois trata-se de um filho de pai judeu que viveu na França durante o período da Ocupação nazista, embora não tenha sido enviado para campos de concentração e tenha sobrevivido a este período. O

¹ Bacharela em Comunicação Social, habilitação Produção Editorial (UFRJ), Mestranda em Literatura, Cultura e Contemporaneidade (PUC-Rio). Contato: ilana.gc@gmail.com.

presente texto não visa delimitar qual seria a noção de memória na obra de Patrick Modiano, uma vez que considero tal tema de uma riqueza e complexidade que sua problematização poderia servir como objeto de estudo à parte. Aqui entende-se por “memória” uma espécie de esforço de conservar o passado, seja ele pessoal ou coletivo.

À procura da(s) memória(s)

Em 9 de outubro de 2014, Patrick Modiano foi anunciado vencedor do prêmio Nobel de Literatura daquele ano. Segundo a Academia Sueca, responsável pela escolha, Modiano foi agraciado devido à “arte da memória com a qual ele evocou os destinos humanos mais incompreensíveis e desvelou a vida do mundo da Ocupação.”² Até então, ele era sucesso de crítica e público na França, mas o prêmio o ajudou a alcançar maior projeção internacional.

Uma característica marcante nas obras do escritor, que são em maioria autoficções, são as diferentes representações de Paris, sua cidade natal. No discurso de aceitação do Nobel, Modiano declarou que, por ter nascido em 1945, sempre se viu como um filho da Paris ocupada. Seu trabalho reflete esta visão, privilegiando questões como a memória e a procura pelo passado. Esta tentativa de recuperação pode ser da esfera do indivíduo, como o homem que sofre de amnésia e busca descobrir a própria identidade, em *Uma rua de Roma* (lançado no Brasil em 2014), e também coletiva, como quando tenta trazer à tona como era a vida na França ocupada pelos nazistas, período muito presente em seus livros.

Michel Foucault, no famoso texto “A escrita de si”, menciona os *hypomnemata*, uma espécie de registro escrito de fragmentos da vida pública, que possuíam um papel até no auxílio da constituição da identidade dos indivíduos.

Neles eram consignadas citações, fragmentos de obras, exemplos e ações de que se tinha sido testemunha ou cujo relato se tinha lido, reflexões ou debates que se tinha ouvido ou que tivessem vindo à memória. Constituíam uma memória material das coisas lidas, ouvidas ou pensadas; ofereciam-nas assim, qual tesouro acumulado, à releitura e à meditação ulterior. (FOUCAULT, 1992, p. 135)

² Tradução nossa. No original em inglês: “the art of memory with which he has evoked the most ungraspable human destinies and uncovered the life-world of the occupation”. Disponível em: <http://www.nobelprize.org/nobel_prizes/literature/laureates/2014/modiano-facts.html>. Acesso em 11 de setembro de 2017, às 23h09.



Patrick Modiano seleciona para o universo de sua escrita — em uma espécie de *hypomnemata* dos séculos XX e XXI — fragmentos do mundo que o cerca, sejam estes anúncios de jornal ou até nomes de desconhecidos de listas telefônicas, utilizando-os como uma maneira de falar de si mesmo, de sua Paris natal e da história do país.

Modiano teve a ideia de escrever o livro *Dora Bruder* (publicado em 1997 na França e em 2014 no Brasil), por exemplo, ao se deparar com um periódico antigo, no qual um casal de judeus procurava notícias da filha desaparecida durante o período da Ocupação nazista. A partir da pergunta “O que teria acontecido com Dora Bruder?”, o escritor procura descobrir qual teria sido o destino da menina. Enquanto a maior parte de seus livros é considerada autoficção, estudiosos e jornalistas literários muitas vezes referem-se a *Dora Bruder* como uma obra de não ficção. Ainda assim, o escritor faz-se presente nela, que é narrada em primeira pessoa. O livro é construído como o diário de uma investigação, no qual ele expõe sua saga para encontrar documentos oficiais, bem como suas impressões e memórias — tanto a partir de experiências que ele teve quanto de relatos contados pelo pai, um judeu que, para sobreviver à Ocupação, envolveu-se com todo tipo de pessoas e de atividades, inclusive negociando no mercado negro com oficiais nazistas. Deste modo, não se trata apenas de um esforço de recuperar o passado de uma garota desconhecida. De certa maneira, o autor tenta compreender melhor suas origens. “Origens” aqui pode ser compreendida como tanto sob um aspecto de ascendência familiar quanto de lugar de onde se provém. Modiano procura entender melhor seu pai, um homem com quem sempre teve uma relação difícil, ao mesmo tempo que se propõe a pesquisar e escrever sobre um período sombrio de seu país.

O extremo do pai judeu que está disposto a negociar com nazistas para sobreviver funciona também como indicador da situação complexa e difícil da época e, conforme já mencionado, foi um dos motivos pelos quais o escritor foi agraciado com o Nobel em 2014. A figura paterna ambígua, que se envolve em negócios escusos, fica evidente na autobiografia de Patrick Modiano, *Un pedigree* (lançada em 2005 na França, sem edição brasileira), e serve também como ponto de partida para outros questionamentos, como os diferentes graus de moralidade que acompanham guerras e marcaram esta época especificamente (um exemplo pode ser encontrado nos franceses que acolheram os nazistas durante a Ocupação). A ambiguidade aparece também em *Ronda da noite* (segundo romance do escritor, de 1969 e publicado no Brasil em 2014), em que o

protagonista é um agente duplo, que fornece informações tanto para os oficiais alemães quanto para um grupo de resistência.

Já o título da autobiografia, *Un pedigree*, remete à questão da ancestralidade, citada há pouco, uma vez que Modiano menciona que jamais se sentiu como um herdeiro de nada e, por isso, não se considera judeu. Contudo, a necessidade de compreender o passado se faz presente também em sua autobiografia, que tem o primeiro capítulo, as trinta páginas iniciais, dedicadas exclusivamente a apresentar os pais do escritor: onde nasceram, de onde vieram, como eram suas personalidades.

O próprio modo como *Un pedigree* foi elaborado reflete a preocupação com a memória e o reconhecimento da natureza frágil desta. A exatidão de endereços e outras informações precisas se opõem a lembranças fragmentadas, com lapsos e explicações que não são oferecidas ao leitor. Do meio para o final do livro, repetidas vezes ele admite não se lembrar do que aconteceu em determinados momentos. Assim, o ato de escrever, para Modiano, parece operar da mesma forma que o de rememorar.

Escritor com um público consolidado na França, ele exerce enorme influência sobre outros artistas, como é o caso de Christian Boltanski, artista plástico francês que tem muitas obras abordando temas próximos aos de Modiano, como a questão da identidade e da memória. Boltanski, que nasceu apenas um ano antes de Modiano, na mesma cidade que o escritor, também é filho de pai judeu. Tanto Modiano quanto Boltanski parecem ser assombrados pelo fantasma da França ocupada. Boltanski, cujo trabalho foi descrito pelo site do Guggenheim como uma “mistura de emoção e história”³ afirmou em entrevista ao site do jornal *Le Figaro*, em 16 de janeiro de 2016, que seu livro de cabeceira é *La Place de l'étoile*⁴.

Trata-se do primeiro romance de Patrick Modiano e ganhou os prêmios Roger-Nimier e o Fénéon. O protagonista se chama Raphaël Schlemilovitch, e é um judeu francês. O livro, que tem como um dos temas principais o antissemitismo na França, fala sobre as fugas do personagem pelo interior do país.

Modiano fala sobre este livro em *Dora Bruder*:

³ “Christian Boltanski: Documentation and Reiteration”. Disponível em: <<https://www.guggenheim.org/arts-curriculum/topic/christian-boltanski>>. Acesso em 11 de setembro de 2017, às 23h50.

⁴ “Christian Boltanski : ‘J’ai le désir de comprendre’”. Disponível em: <<http://madame.lefigaro.fr/celebrities/christian-boltanskijai-le-desir-de-comprendre-180116-111828>>. Acesso em 11 de setembro de 2017, às 23h30.



Eu gostaria de conseguir, em meu primeiro livro [*La place de l'étoile*], responder a todas essas pessoas cujos insultos me feriram por causa de meu pai. E, no terreno da prosa francesa, dar uma boa resposta, de uma vez por todas. Hoje em dia sei perfeitamente da ingenuidade do projeto: a grande maioria desses autores [antisemitas] desapareceram, foram fuzilados, exilados, estão caducos ou morreram velhos. Sim, infelizmente eu chegava tarde. (MODIANO, 2014, p. 66)

Na epígrafe de *La place de l'Étoile* (1968, sem edição brasileira), o escritor narra um encontro em que, em 1942, um policial alemão pergunta a um jovem desconhecido onde fica a place de l'Étoile (famosa praça de Paris onde fica o Arco do Triunfo). Em vez de dar informações para se chegar a este local, o rapaz aponta para o lado esquerdo do próprio peito. A confusão do personagem baseia-se no trocadilho entre o nome da praça e a expressão “place de l'étoile”, que pode ser traduzida como “lugar da estrela”. É possível concluir então que o rapaz é judeu e, como tal, durante a Segunda Guerra, foi obrigado a carregar no peito um emblema de uma estrela de Davi amarela de modo a indicar sua “posição social”. Além de evidenciar um dos principais temas do livro — o antissemitismo na França —, a epígrafe mostra também como Modiano se aproveita das diferentes representações de cidade em suas obras, podendo ser compreendida como espaço físico (a praça em si) e como construção simbólica (o local é um ícone da França, tanto para os próprios franceses quanto para o mundo). Outro fato importante a ser considerado é que a praça, ponto turístico da capital, também faz parte do itinerário de paradas militares e foi cenário de impactantes imagens quando as forças armadas alemãs conquistaram Paris e desfilaram pela cidade durante a Segunda Guerra Mundial.

Este caráter simbólico da cidade e as diferentes representações possíveis de serem construídas a partir dela marcam a obra de Modiano. Em *Dora Bruder*, por exemplo, ele comenta:

... custo a acreditar que estou na mesma cidade de Dora Bruder e seus pais, e também a do meu pai, quando ele tinha vinte anos menos que eu. Tenho a impressão de que estou inteiramente só, ao fazer este paralelo entre a Paris daquele tempo e a de hoje, única pessoa a lembrar-se de todos esses detalhes. (MODIANO, 2014, p. 46)



Esta noção de uma cidade que é resultado de diversas temporalidades vai de encontro ao que o escritor disse ao receber o prêmio Nobel sobre a importância de Paris em suas obras:

Para quem nasceu e viveu ali, à medida que os anos passam, cada bairro, cada rua de uma cidade evoca uma lembrança, um encontro, uma tristeza, um momento de felicidade. E muitas vezes a mesma rua está associada para nós a lembranças sucessivas, de modo que a topografia de uma cidade é toda a nossa vida que retorna à memória em camadas sucessivas, como se pudéssemos decifrar as escritas superpostas de um palimpsesto. E é também a vida dos outros, desses milhares de desconhecidos com quem cruzamos nas ruas ou nos corredores do metrô nas horas de pico. (MODIANO, 2015, posição 155⁵)

Na citação acima, podemos ver como as memórias individuais se entrecruzam com a coletiva no espaço urbano. Modiano usa a palavra “palimpsesto”, que se refere a um pergaminho cujo texto original foi raspado para dar lugar a um novo. Esta palavra também é utilizada por Renato Cordeiro Gomes, em seu livro *Todas as cidades, a cidade*, como um dos exemplos de metáforas empregadas para descrever a cidade moderna do século XIX:

... outra constante são as metáforas arqueológicas que sugerem a escavação dos significados, para recuperar as ruínas da memória. Tais imagens ligam-se a outra imagem correlata — a do *palimpsesto*. Lê-se a cidade como um composto de camadas sucessivas de construções e “escritas”, onde estratos prévios de codificação cultural se acham “escondidos” na superfície, e cada um espera ser “descoberto e lido”. (GOMES, 2008, p. 84, *grifos do autor*)

Deste modo, Modiano lê a cidade como um palimpsesto que é, ao mesmo tempo, individual, emocional, histórico e coletivo. Tratam-se de diversos palimpsestos, sobrepostos. Seus habitantes possuem as próprias histórias, que se sobrepõem para contribuir para a construção da História da França.

É através deste delicado processo de investigação do passado, através tanto do caráter físico do espaço e quanto do simbólico, além do uso de relatos e lembranças, que Modiano constrói sua obra. Seus livros adquirem, assim, um compromisso em lutar contra o aniquilamento da memória e contribuem para evitar o apagamento de vestígios de um passado traumático na história da sociedade francesa.

⁵ O trecho extraído de *Discurso do Prêmio Nobel de Literatura 2014* é numerado de acordo com a posição na leitura de livro eletrônico (Kindle).



Ao falar de *La place de l'étoile*, ele se lamenta de haver chegado tarde demais para combater os antissemitas que proferiram insultos contra seu pai. Entretanto, a consistência de sua obra e a relevância que ela assume revelam o compromisso do escritor em lutar contra a ignorância e o esquecimento do passado. O protagonista de *Ronda da noite* afirma em relação a seus amigos judeus: “... revejo-os como num daguerreótipo. O tempo passou. Se não escrevesse seus nomes: Coco Lacour, Esmeralda, não haveria nenhum resquício de sua passagem pelo mundo.” (MODIANO, 2014a, p. 66) Patrick Modiano procura trazer à luz pessoas que do contrário poderiam ficar para sempre perdidas na escuridão da história.

A inauguração em 2015 da *Promenade Dora-Bruder*, no XVIII^e *arrondissement*, na rua onde a família Bruder morava, indica que Modiano tem conseguido, através das páginas de seus livros, dar nova vida aos que outrora costumavam ser fantasmas.

Diante de uma onda crescente de movimentos revisionistas, xenofóbicos na Europa e nos Estados Unidos e da ameaça da extrema-direita, a obra de Modiano nos lembra que até o passado mais recente não pode — e não deve — ser menosprezado nem esquecido.

Referências bibliográficas

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: *O que é um autor?* Lisboa: Passagens, 1992.

GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

LE FIGARO. “Christian Boltanski : ‘J’ai le désir de comprendre’”. Disponível em: <<http://madame.lefigaro.fr/celebrites/christian-boltanskijai-le-desir-de-comprendre-180116-111828>>. Acesso em 11 de setembro de 2017, às 23h30.

MODIANO, Patrick. *Discurso do Prêmio Nobel de Literatura 2014* [Kindle]. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2015.

_____. *Dora Bruder*. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.



_____. *La Place de l'Étoile*. Paris: Éditions Gallimard, 1968.

_____. *Para você não se perder no bairro*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015a.

_____. *Ronda da noite*. Rio de Janeiro: Rocco, 2014a.

_____. *Uma rua de Roma*. Rio de Janeiro: Rocco, 2014b.

_____. *Un pedigree*. Paris: Éditions Gallimard, 2005.

NOBEL PRIZE. “Patrick Modiano — Facts”. Disponível em:
<http://www.nobelprize.org/nobel_prizes/literature/laureates/2014/modiano-facts.html>. Acesso em 11 de setembro de 2017, às 23h09.

THE SOLOMON R. GUGGENHEIM FOUNDATION. “Christian Boltanski: Documentation and Reiteration”. Disponível em:
<<https://www.guggenheim.org/arts-curriculum/topic/christian-boltanski>>. Acesso em 11 de setembro de 2017, às 23h50.